

**Pedagogia como fator determinante:
cobertura midiática, agente catalisador de
questões sociais**



**Pedagogy as a determining factor: media
coverage, catalyst for social issues**

BOANERGES BALBINO LOPES FILHO¹
CARLOS AUGUSTO GONÇALVES CAMILOTO²

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a importância socialmente conferida aos meios de comunicação de massa, bem como a responsabilidade da formação acadêmica adequada dos profissionais. Diante das transformações que nossa sociedade vivencia, buscou-se o aprimoramento da compreensão do cenário contemporâneo, permeado por questões relacionadas à construção de identidades e ao exercício do poder. A abordagem dialoga com concepções acerca da disputa pelo agendamento midiático e suas implicações no âmbito da esfera pública. Para aprimorar o entendimento do contexto, enfatizamos a importância da veiculação de conteúdos ou do silenciamento dos veículos de comunicação através de exemplo do episódio do suicídio coletivo ocorrido em Jonestown, no ano de 1978. O estudo promove uma reflexão fundamentada sobre as implicações viscerais da ação comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Conflitos sociais. Identidades. Exercício de poder.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance given to social mass media, as well as the responsibility of the appropriate academic training of professionals. Faced with the changes that our society experiences, we attempted to improving the understanding of the contemporary scene, pervaded by issues related to the construction of identities and the exercise of power. The dialogue approach with conceptions of the struggle for media scheduling and its implications in the public sphere. To improve understanding of the context, we emphasize the importance of the placement of content or silencing of the media by example the episode of mass suicide in Jonestown occurred in the year 1978. The study promotes an informed reflection on the implications of visceral action communication.

KEYWORDS

Education. Social conflicts. Identities. Exercising power.

Recebido em: 30/04/2015. Aceito em: 08/06/2015.

¹ Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e do Departamento de Jornalismo da UFJF. E-mail: bblopes@globo.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7220002011770409>.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com bolsa de estudos da CAPES. Especialista em Planejamento e Gestão Social pela UFJF. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e em Ciências Sociais pela UFJF. Licenciado em Ciências Sociais pela UFJF. E-mail: cagcamilotto@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1372539925299448>.

1 A COMUNICAÇÃO SOCIAL E O PROCESSO DE AGENDAMENTO

A influência dos meios de comunicação social em âmbito coletivo vem sendo consolidada, conforme os aprimoramentos decorrentes das revoluções industrial e tecnológica. A articulação entre indivíduos, as organizações e as práticas pedagógicas passa por incessantes modificações ao longo da trajetória da sociedade. Para melhor equacionamento dos caminhos percorridos pelos anseios demandados, buscamos aprimorar a acuidade em relação a questões, como a construção das identidades e os exercícios de poder. Esses aspectos, inerentes à manutenção ou solapamento do status quo são capazes de proporcionar, de forma determinante, uma análise privilegiada acerca de acontecimentos que marcaram nossa história e têm muito a nos ensinar.

As dificuldades da convivência salutar entre as partes envolvidas nos processos sociais são derivadas das especificidades do desenvolvimento das formas de associação e dos conflitos relativos às disputas na trajetória humana. Negligenciar o poder conferido aos operadores do sistema informacional constitui um equívoco grave, passível de consequências danosas, quer para os próprios formadores de opinião, quer para aqueles que se situam em seu espectro de influência.

O objetivo do artigo em epígrafe não é elucidar os aspectos históricos referentes à complexa conjuntura que envolveu a grande perda de vidas de civis, em circunstâncias catastróficas de origem não natural, mas chamar atenção para a responsabilidade que arvoramos em nosso exercício profissional cotidiano. Ponderamos que, assim como médicos, engenheiros ou pilotos de aeronaves, jornalistas podem conduzir os destinos de grande número de indivíduos. Daí a necessidade da preocupação com as pessoas e a importância da reflexão permanente sobre os parâmetros éticos na formação e aperfeiçoamento para que códigos deontológicos sejam aprimorados e comportamentos revistos quando inadequados.

Portanto, formar comunicadores transcende a simples transmissão de técnicas de operação de mecanismos de comunicação social. Deve ir além, consoante com aspectos éticos que possibilite a esse indivíduo mensurar os impactos de sua atuação profissional. Como afirma Veiga (1996, p. 91), "em

Pedagogia como fator determinante:

cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais

resumo, os dois fatos aqui colocados dão um dos contrapontos em que se situa a questão didática: a técnica pela técnica nada vale; ao mesmo tempo a ausência de técnica leva a um trabalho às cegas que também não tem valor.” Chaparro (2007, p. 144) é taxativo: “A tríade ética, técnica e estética, é inseparável nos processos complexos de comunicação e nos fazeres criativos jornalísticos.”

Suscitar o debate entre a questão do agendamento midiático, suas influências na sociedade e a importância da formação acadêmica adequada pode contribuir para repensarmos o perfil dos egressos de cursos voltados para mediar relações humanas. Conforme Biroli (2010, p. 284) o “estabelecimento de compromissos, enquanto posição de valores, as formas de vida ou identidades conflitantes resistem ao compromisso porque sentidos existenciais escapam à comparação com bens básicos.” A divulgação de inferências pode influenciar a percepção coletiva. Essa interpretação da realidade deve ser feita por pessoas capacitadas, que necessitam de outras mais competentes ainda, que possa servir como referenciais no ensino.

86 |

A teoria do agendamento analisa as especificidades das formas através das quais os meios de comunicação social são capazes de nortear o pensamento e os diálogos, influenciando a própria visão de mundo de parcela da população. O agendamento refere-se à forma como o conteúdo veiculado pela imprensa possui força para delimitar a compreensão de parte dos indivíduos acerca de uma determinada temática. A reflexão de Rossy (2006, p. 70) permite melhor entendimento no que tange à relevância da questão do agendamento:

O agendamento refere-se, então, à inclusão de um determinado assunto na lista dos temas sistematicamente abordados pela mídia e à visibilidade que um determinado assunto adquire ao integrar o discurso jornalístico. Aos assuntos que não conseguem a visibilidade pública conferida pela mídia está naturalmente reservado o obscurantismo, na medida em que não alcançaram a arena pública da discussão.

Portanto, a invisibilidade, divulgação ou veiculação maciça de um assunto, relacionado a um segmento qualquer é passível de ser utilizada em finalidades diversas. Servindo para o ‘bem’ ou para o ‘mal’, educando ou

alienando. Promovendo a justiça ou execrando. Podemos questionar o conteúdo das pautas defendidas por setores da sociedade, entretanto, para viabilizar a pluralidade de ideias agendadas, é preciso garantir o direito expresso de uma gama de interesses. Para isso, faz-se indispensável a cooperação de jornalistas e editores.

2 A COMPLEXIDADE APLICADA AO PROCESSO PEDAGÓGICO

A atuação dos indivíduos passa por incessantes modificações ao longo das mudanças ocorridas na sociedade. Esse contato, tecido sob variados graus de tensão, é passível de melhor compreensão e equacionamento através de conceitos como a identidade e o exercício de poder. As dificuldades da convivência salutar entre as partes envolvidas são derivadas das especificidades do desenvolvimento das formas de associação e dos conflitos inerentes às disputas na trajetória humana.

O pensamento clássico tem como característica a continuidade de sua aplicação reverberando ao longo do tempo. Já o raciocínio contemporâneo é capaz de identificar conexões. Segundo Connor (1989 p. 16), "a condição pós-moderna, dizem-nos repetidas vezes, manifesta-se na multiplicação dos centros de poder e de atividade e na dissolução de toda espécie de narrativa totalizante que afirme governar todo o complexo campo de atividade e da representação sociais." Essas são algumas das marcas da atualidade, pautadas na ruptura com paradigmas isolados e na aposta na complexidade.

A interface entre esferas com lógicas distintas e os conflitos de interesses oriundos do estabelecimento de uma ordem interdependente, com fronteiras atenuadas, implica no diálogo com questões cruciais para a consolidação das novas estruturas. Como afirma Harvey (1989, p. 257), "a transição para a acumulação flexível foi feita em partes por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas." Segmentando, assim, ambientes ou permitindo a coesão de grupos, conforme interesses comuns e o compartilhamento de códigos. O aprofundamento dos aspectos subjetivos implica na valorização da percepção a ser transmitida, pois, "na medida em que a identidade depende cada vez mais de imagens, as

Pedagogia como fator determinante:

cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais

réplicas seriais e repetitivas de identidade (individuais, corporativas, institucionais e políticas) passam a ser uma possibilidade e um problema bem mais reais.” (HARVEY, 1989, p. 261).

A atuação no campo educacional passa pela busca da adequação, no sentido de constante aprimoramento, assim como uma organização norteadas por valores como a geração do lucro. Entretanto, esse espaço é constituído por pessoas e, para promover aspectos subjetivos, é indispensável contextualizar quaisquer paradigmas gerenciais a serem aplicados. Lidar em uma seara marcada pela consolidação dessas práticas próprias requer, dentre outras, atenção especial aos princípios ligados aos mais íntimos aspectos da natureza humana. Nuances como salientados por Edgar Morin:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Ideias, mas que duvida dos deuses e critica as Ideias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras. (2000, p. 59).

Como a transmissão de conhecimentos requer o envolvimento de indivíduos responsáveis, providos de capacitação e acesso junto ao público alvo, é preciso ponderar aspectos ideológicos, mas evitar os entraves oriundos das diferentes correntes de pensamento. As ações do futuro, embasadas nos conhecimentos postulados por Morin, transitam entre aspectos complexos da vida em sociedade. Precisam ser articuladas de forma visceral, mergulhando no campo das paixões que nos movem, mas com fôlego para racionalizar de forma contemporânea as práticas adotadas. Afirma Morin que a educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o individual, o social, o histórico e o da espécie humana, todos entrelaçados e inseparáveis. Portanto, a melhoria da qualidade da gestão objetiva conduzir forças sociais que envolvem esses destinos. Ajustar trajetórias, no sentido de intervir de forma positiva na realidade, construindo um futuro salutar.

A pavimentação desse caminho virtuoso é o planejamento comprometido. Assim como as instituições, as metas devem permanecer acima de questões de menor monta, preocupadas com a manutenção de programas de longo prazo e forma intergeracional, adaptando-se a variações, conforme afirma o sociólogo:

A estratégia deve prevalecer sobre o programa. O programa estabelece uma sequência de ações que devem ser executadas sem variação em um ambiente estável, mas, se houver modificação das condições externas, bloqueia-se o programa. A estratégia, ao contrário, elabora um cenário de ação que examina as certezas e as incertezas da situação, as probabilidades, as improbabilidades. (MORIN, 2000, p. 90).

Daí, podemos pensar na importância da qualidade da liderança e na necessidade de qualificação. Dentre esses atributos, no caso específico do aprendizado em Comunicação Social, sobressai a busca pelo entendimento, como parte dos sete saberes:

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro. (MORIN, 2000, p. 104).

O diálogo é uma das palavras essenciais para alavancar a ação pedagógica. O termo adequado é somatório, onde o todo é maior que a soma das partes. O professor precisa literalmente orquestrar as ações. Nóbrega (1996, p. 211) afirma que nosso papel como líderes é desenhar o contexto em que as coisas ocorrerão e estabelecer o ambiente para que isso ocorra. Processos pedagógicos envolvem um grupo de pessoas. Nesse contexto, é fundamental adequar a transmissão de informações, criando uma cultura de interação capaz de assegurar a fluidez dos conteúdos, abrangendo o sistema como um todo.

A Teoria da Complexidade constitui ferramenta capaz de impulsionar os avanços indispensáveis para otimização das atividades empreendidas. Complexo, de acordo com Morin (2000, p. 38), significa o que foi tecido junto e de fato há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis e

Pedagogia como fator determinante: **cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais**

constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico). Como essa evolução deve ser articulada junto ao vasto rol de interesses, dialogando com costumes já incorporados, faz-se necessário o emprego do caráter transdisciplinar no cotidiano das inovações pesquisadas e efetivamente implementadas. A simplicidade é oriunda da verdadeira racionalidade, que é conceituada por Morin (2000, p. 23) como “aberta por natureza, e que dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é fruto do debate argumentado das ideias e não é propriedade de um sistema de ideias.” Somente a racionalidade norteadas pelo caráter multifacetado, profissionalização, legitimidade e isenção para ações implementadas.

3 O EXERCÍCIO DE PODER NO APRIMORAMENTO DAS RELAÇÕES

90 |

Sabemos alicerçado na consonância entre a teoria, pesquisa e a prática podem conferir maior que uma das principais mudanças em relação a pensadores alicerçados, por exemplo, em antinomias calcadas em bases estruturais, é a perspectiva analítica. Ao invés da primazia das relações com o Estado, o poder é verificado por Michel Foucault (2012) em vários momentos de nossas vidas, e em diferentes instâncias. Poder e empoderamento são aspectos subjetivos. Não é algo que propriamente se possui, mas que se exerça, uma abstração construída conforme capacidades, imposições e sujeições.

As inferências apresentadas por Foucault propõem a construção de determinadas realidades sociais tratando-se, portanto, de uma disputa pela construção de sentidos e de relações de poder junto ao contexto atual e seus antecedentes históricos. Segundo Núñez (2009), o processo de criação de pensamento e realidade está marcado pelo social.

Por trás de cada grande história há uma ou várias metáforas básicas que impõem uma direção, um mundo referencial e também um tipo de evocações e conotações concretas que determinam seu sentido final. (NUÑEZ, 2009, p. 167).

Em relação ao contexto das 'fileiras' educacionais, da especialização e necessidade de valorização da mão de obra treinada, podemos associar com o exemplo trazido pelo autor em relação ao exército e a gênese dos hospitais nos moldes atuais.

Até a segunda metade do século XVII, não havia dificuldade em recrutar soldados – bastava ter dinheiro. Encontrava-se em toda a Europa, desempregados, vagabundos, miseráveis disponíveis para entrar no exército de qualquer nacionalidade ou região. Ora, com o surgimento do fuzil, no final do século XVII, o exército torna-se muito mais técnico, sutil e habilidoso. Para se aprender a manejar um fuzil será preciso exercício, manobra, adestramento. (FOUCAULT, 2012, p. 178).

Daí a necessidade de se cuidar dos possíveis ferimentos desse membro da corporação militar para mantê-lo saudável. O soldado que empunha o fuzil pode ser comparado ao profissional de base tecnicista formado em determinadas instituições de ensino. Manifestar zelo no trato com sua pessoa, seu 'eu', integra o receituário do pedagogo que visa a otimização de recursos subjetivos, em detrimento de meros aspectos mercadológicos.

Cada poder possui seu próprio cabedal de saberes correspondente. Não existe, portanto, um saber neutro, 'todo saber é político'. Nesse cenário, saber e poder se implicam mutuamente. Contudo, "o querer saber não se aproxima de uma verdade universal; não dá ao homem um exato e sereno controle da natureza; ao contrário, não cessa de multiplicar os riscos; sempre faz nascer os perigos; abate as proteções ilusórias; desfaz a unidade do sujeito." (FOUCAULT, 2012, p. 84).

A evolução do saber constitui o delineador das novas relações de poder. A autorização para controlar é derivada da especialização obtida através do avanço dentro de um campo do saber. O jargão constitui exemplo de exercício de poder, na medida em que segmenta o discurso e contribui para o alargamento do hiato entre indivíduo que possui e aquele desprovido de poder.

Outra característica fundamental é o conceito de capilaridade. De seu ponto de partida, quando passível de ser determinado, as relações de poder se espalham pelo tecido social. Descortinando parte da trajetória da consolidação das instituições e rompendo com um conjunto de paradigmas atrelados a

Pedagogia como fator determinante: **cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais**

aspectos conjunturais e ideológicos, Foucault incrementa as possibilidades de compreensão da formação dos indivíduos e suas relações com os respectivos campos de atuação.

Entendendo o poder como algo que circula, o objeto de interesse deixa de ser “como o direito de punir fundamenta a soberania”, mudando para a forma da materialização da autoridade através da capilaridade hierárquica. Um dos objetivos é compreender essa engrenagem construtora de laços, ou seja, as conexões que viabilizam os processos de dominação. Em nosso contexto:

Não basta examinar o processo de exercício da autoridade e as estruturas. Também é necessário examinar as motivações subjetivas expressas nos discursos, o envolvimento dos sujeitos no processo de decisão, o desejo de pertença a um projeto de vida no qual o sujeito pode ser parte de algo cuja finalidade transcende os resultados econômicos. (PIMENTA, 2006, p. 88).

O desafio é utilizar o conhecimento derivado desse entendimento de forma profícua, não para oprimir, disciplinar ou adestrar, mas, buscar eficiência e progresso coletivo. Para adequada transmissão de saberes para formação de operadores de mecanismos de comunicação social, cabe perceber e utilizar formas de poder capazes de libertar indivíduos. Negando o uso estritamente repressivo, transformando-os em atores da construção de um mundo melhor. Mais justo para parcelas significativas da população, que orbitam ao largo de certas práticas e oportunidades, mas contribuem de forma laboriosa.

92 |

4 O CONTEXTO HISTÓRICO DOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Atualmente, os acontecimentos são acompanhados através de um espaço dimensionado, denominado tempo real. Um incessante fluxo de conteúdos ordenado vem modificando nosso modo de ver o mundo (*ethos*) e transformando a vida das pessoas. Nesse contexto de forma reestruturada, somos norteados por indivíduos capazes de direcionar informações. Somos, portanto,

organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. É informacional e global porque,

sob novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação. (CASTELLS, 1996, p. 87).

O caso abordado nesse artigo tem seu desfecho no final da década de 1970. Vivíamos em outro patamar tecnológico. Algumas das ferramentas que sustentam o contexto informacional hodierno até existiam, mas ainda estavam longe de serem disseminadas em larga escala. Há 36 anos, o patamar comunicacional de hoje estava mais para o campo da ficção científica. O fator, paralelo à vulnerabilidade social das vítimas atraídas para o processo migratório, integram o cenário comovente, que deve ser repensado de forma multifacetada, tendo em vista sua limitação aos relatos históricos, sua não repetição e o enfraquecimento de lideranças questionáveis.

Jim Jones, líder religioso messiânico, que mesclou paranoias referentes à Guerra Fria com uma doutrina política com viés dito como socialista e a suposta defesa de minorias raciais oprimidas nos Estados Unidos, foi responsável por uma página memorável e trágica da história humana. O termo carisma é definido como:

O encanto ou graça que acompanha certas personagens sobre as quais recaíram o olhar e a escolha de Deus. Tais personagens são investidas de um poder, evidentemente de forma de forma muito diversa da do poder que reveste o burocrata racional-legal, ou o monarca tradicional, designado por progeneritura. (BOUDON, 2001, p. 48).

Nesse caso, a dominação carismática foi utilizada para impor certos sentimentos a uma parcela da população desprovida de cuidados de toda sorte, por isso mesmo, predisposta a aceitar o julgo que o conduziu a seu fim sinistro.

A comunidade da seita³ *Templo dos Povos* foi instalada em uma área de 1.500 hectares da floresta tropical de Guiana, uma comunidade denominada Jonestown, nome dado em homenagem ao próprio fundador. O processo migratório tem como suposta finalidade manter seus seguidores livres da perseguição, opressão e racismo dos Estados Unidos. Entretanto, pesavam

³ Seita, segundo o Dicionário Aurélio (1986, p. 1563), significa doutrina ou sistema que diverge da opinião geral e é seguido por muitos. Comunidade fechada de cunho radical.

Pedagogia como fator determinante: **cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais**

acusações como o contrabando de armas, violência física e sexual, além de cárcere privado. A articulação para o estabelecimento da comunidade autossustentável, norteadas por princípios que eram afirmados como socialistas, transcorreu em consonância com interesses das autoridades locais.

Jonestown representava a promessa de um local isolado dos preconceitos enfrentados por indivíduos situados à margem do 'sonho americano'. Entretanto, o local foi cenário da dominação empreendida por Jim Jones, que sabia como alinhar uma política interna de dominação multifacetada. Conforme afirma o sociólogo Edgar Morin:

A cultura é coprodutora da realidade que cada um percebe e concebe. As nossas percepções estão sob controle, não apenas constantes fisiológicas e psicológicas, mas, também, de variáveis culturais e históricas. A percepção visual é submetida a categorizações, conceitualizações, taxinômias, que influenciarão o reconhecimento e a identificação das cores, das formas e dos objetos. (MORIN, 2011, p. 25).

94 |

Dessa forma, o líder religioso construiu realidades distintas, com versões diferentes para seu público interno, para o governo local e para os americanos. Porém, mecanismos de dominação tão espúrios culminariam por vir à tona.

A partir de denúncias veiculadas na imprensa norte-americana, o congressista Leo Ryan e uma equipe de jornalistas visitam Jonestown. Dispensando segurança armada, eles chegam para investigar os boatos de abuso e opressão. A comitiva é recebida em clima de festa, porém, a alegria expressada era uma farsa, fruto da coação e do processo de sociabilidade artificial articulado pelo líder da seita. Durante a visita, um membro da comunidade entrega um bilhete para um assessor do congressista Leo Ryan. O congressista promove questionamentos e a situação torna-se tensa. Após sofrer uma agressão física por auxiliares de Jim Jones, Leo Ryan decide partir levando consigo alguns membros dissidentes.

O reverendo Jim Jones sabia que o retorno do congressista para os Estados Unidos iria arruinar seu 'paraíso tropical', por ele idealizada e construída: Jonestown. A opção foi pelo fim trágico, com o assassinato do congressista, de parte de sua comitiva e a condução do suicídio coletivo, previamente ensaiado, por ele denominado de revolucionário. Esta parte do

episódio representa o maior número de mortes civis de cidadãos norte-americanos depois dos eventos ocorridos em 11 de setembro de 2001.

Pensar uma seara marcada pela realização de práticas espúrias, como as perpetradas por Jim Jones requer, dentre outras, atenção especial aos princípios ligados aos mais íntimos aspectos da natureza humana. Quanto à atuação do líder carismático, a metáfora citada por Marshall Berman, constitui uma afirmação que mantém seu vigor e fidedignidade, sendo capaz de intertextualizar o aprimoramento da maquinaria de exercício de poder com a criação de Jonestown. “A moderna sociedade burguesa, uma sociedade que desenvolveu gigantescos meios de troca e produção, é como o feiticeiro incapaz de controlar os poderes ocultos que desencadeou com suas mágicas.” (BERMAN, 1986, p. 37). O preço do descontrole dos encantos messiânicos de Jim Jones foi pago com centenas de vidas ceifadas. Inclusive a sua.

5 O SUICÍDIO COLETIVO

Recorrer historicamente aos fatos que envolveram o suicídio de mais de 900 pessoas, bem como a morte de um congressista e três jornalistas americanos, ocorrida em 1978, na Guiana, objetivam demonstrar a importância crucial dos processos de agendamento e da veiculação de determinada temática pelos meios de comunicação social. Como postulado por Émile Durkheim, fenômenos como o suicídio precisam ser estudados de forma contextualizada:

De fato, se, em vez de enxergá-los apenas como acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e cada um exigindo um exame à parte, considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos numa determinada sociedade durante uma determinada unidade de tempo, constataremos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, uma coleção, mas que constitui por si mesmo um fato novo e *sui generis*, que tem sua unidade e sua individualidade, por conseguinte sua natureza própria, e que, além do mais, essa natureza é iminentemente social. (DURKHEIM, 2000, p. 17).

No caso específico das ações trágicas, coordenadas pelo líder religioso Jim Jones, amplamente registradas por livros e documentários, a cobertura midiática funcionou como agente catalisador para a visita do congressista Leo

Pedagogia como fator determinante: **cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais**

Ryan. Único congressista assassinado no cumprimento do dever na história dos Estados Unidos, ele foi morto por membros da seita *Templo dos Povos*, sob o comando de Jim Jones.

Conforme documentado, os jornais começaram a publicação de artigos criticando o *Templo dos Povos*. Denúncias formuladas pelo casal Elmer e Deanna Mertle, que testemunharam o abuso sexual e físico, fomentaram desconfianças acerca da instituição. A revista *New West* publicou um artigo atacando Jones, trazendo evidências de extorsão, apropriação indébita e contrabando. A compilação de evidências e testemunhos dos procedimentos realizados no *Templo dos Povos* possibilitou uma análise fidedigna, realizada à luz do necessário distanciamento, imprescindível para corroborar o processo de decadência da seita. Conforme afirma Bardin (1977, p. 29) a investigação precisa:

Apelar para estes instrumentos de investigação laboriosa de documentos, é situar-se ao lado daqueles que querem dizer não à ilusão das transparências dos fatos sociais, recusando-se ou tentando afastar-se dos perigos da compreensão espontânea. Desde que se começou a lidar com comunicações, que se pretende compreender para além dos seus significados imediatos, parece útil o recurso da análise de conteúdo.

96 |

A possibilidade de uma maior clareza conferida pelo olhar histórico, propiciado pela análise posterior ao período retratado. Esse enfoque privilegiado é reiterado por Eni Orlandi:

O pensamento político e histórico tenta compreender os acontecimentos e as condições que permitem agir sobre eles. Compreensão difícil de atingir e a que não se chega se não se aprender a distanciar o olhar. A ver sempre mais longe, no desvio. Em análise de discurso, por em relação o que é dito com o que não é o que é dito com o que é dito em outro lugar, etc. (2012, p. 10).

Vale ressaltar que, no suicídio coletivo, as matérias envolvendo as ações messiânicas de Jim Jones não são consideradas como culpadas pelas mortes ocorridas, mas, influenciaram para que os fatos ocorressem naquela ocasião.

Partindo do princípio que a realidade humana emerge do relacionamento, a teoria quântica propõe que “a realidade quântica é criada pelo observador. Só existe um fenômeno quando ele é observado. Enquanto ele

não é observado não está lá. A intenção humana – do experimentador – influencia a estrutura do mundo físico.” (NOBREGA, 1996, p. 144). Sem enveredar pela ampla complexidade da Física Quântica, é possível perceber a importância da cobertura midiática, e como a visibilidade pode interferir drasticamente no desfecho de situações extremas.

O papel da mídia constitui, portanto, o agente catalisador da cena histórica. A cobertura referente a atuações de lideranças sociais, governos e instituições precisa ser pensada em relação ao dever de realizar o trabalho jornalístico de forma responsável e ética.

A consciência humana é um fluxo contínuo no tempo e encontra nos jornais ou telejornais diários flashes fragmentados e justapostos que apenas informam que há um processo em marcha. Mas, jornalistas e receptores estão continuamente procurando os enquadramentos dramáticos (narrativos) que ordenem o caos, estabeleçam ordens temporais, causas e consequências, antecedentes e consequentes, sínteses que tornem as histórias compreensíveis. (BIROLI, 2010, p. 147).

A realidade dos meios de comunicação de massa é parcialmente descortinada por Christophe Dejours através da utilização da expressão habermasiana “distorção comunicacional”. Derivada da Teoria do Agir Comunicacional, essa tese indica que “a discrepância entre a organização prescrita e organização real do trabalho só pode ser racionalmente administrada mediante uma composição entre pontos de vista distintos sobre o funcionamento e o estado do processo de trabalho.” (DEJOURS, 2006, p. 61).

Essa ‘patologia comunicacional’ é fruto de um sistema maximizador de benefícios setoriais, cujos compromissos éticos encontram-se ameaçados. Na fronteira entre os aspectos materiais e subjetivos, emergem questões ligadas ao campo das disputas. A análise habermasiana, empreendida por Lubenow (2007, p. 108), salienta que “o mundo da vida envolve processos comunicativos de transmissão cultural. Integração social e socialização. Cujas reprodução requer instituições capazes de renovar e preservar as tradições solidariedades e identidades.”

Pedagogia como fator determinante: **cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais**

O elo fundamental, a engrenagem que transmite e permite as alterações culturais são os indivíduos. Não existe organização sem o somatório de partes. Para pensar e agir impactando o contexto é preciso focar individualmente.

Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como os tratam. Este controle é realizado principalmente através da influência sobre a definição da situação que ou outro venham a formular. O indivíduo pode ter influência nesta definição expressando-se de tal modo que dê aos outros a espécie de impressão que os levará a agir voluntariamente de acordo com o plano que havia formulado. (GOFFMAN, 1975, p. 13).

Essa moldagem de percepção pode ser operacionalizada através da comunicação e do exercício de poder. Os dispositivos de sujeição são utilizados para a 'fabricação' de indivíduos. Através da criação de espaços de confinamento e aprimoramento dos gestos, atitudes e, principalmente, de saberes. Esse indivíduo, fruto da sedimentação dessa sociedade repaginada, é dissociado do caráter divino. Sua conduta é regulada pelo discurso, pela normatização do prazer. Seu comportamento é definido conforme possibilidades interessantes para a maquinaria que o produziu, que busca incessantemente delimitar seus instintos, moldando-o dentro dessa nova realidade.

98 |

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Processos sociais são acontecimentos de longo prazo e o tempo histórico é bastante diferente do tempo do indivíduo. Assim, a consolidação de um sujeito participativo, personagem e agente de sua própria história, é tarefa de contínua. Para além da diagnose dos problemas, os indivíduos devem participar ativamente da reorganização da sociedade. Uma vez que o cidadão é submetido a uma autoridade política e integra o processo de formação dessa autoridade. Emerge, cada vez mais, a ideia de um sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência e pelo conhecimento de si mesmo.

No Brasil, podemos citar exemplos de casos reais graves de interferência dos meios de comunicação social em episódios com reféns. Como o caso da jovem Eloá Pimentel, na cidade de Santo André, em São Paulo, em 2008,

retratado no livro *A tragédia de Eloá*, do jornalista Marcio Campos, e o sequestro do ônibus da linha 174, no Rio de Janeiro, no ano 2000, documentado pelo cineasta José Padilha. São situações que nos mostram a importância da ética jornalística. Vale ressaltar que a vida precisa estar muito acima da fogueira das vaidades profissionais, que espraiam pelo tecido social, promovendo mazelas de difícil mensuração e, praticamente, impossíveis de serem reparadas.

O ensino da Comunicação Social implica, necessariamente, em observação dos aspectos éticos, pois, “um tal poder assim extenso e grave [o da imprensa], não deveria funcionar à mercê da negligência ou do zelo, da cupidez ou do desprendimento, do ódio ou da amizade de nenhum jornalista.” (BIROLI, 2010, p. 209). A complexidade conecta-se plenamente ao exercício profissional, uma vez que, conforme Veiga (1996, p. 12): A “representação é um complexo de fenômenos do cotidiano que penetra a consciência dos indivíduos assumindo um aspecto abstrato quando essa percepção do imediato está desvinculada do processo real que determina sua produção.”

Desempenhando papéis sociais importantes em nossa sociedade, o jornalista lida com responsabilidades que transitam entre a subjetividade e o pragmatismo. A formação pedagógica e a reflexão prática devem permear as condutas dos atuais e futuros profissionais, sob pena de colhermos frutos questionáveis em nossa própria seara. 

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BIROLI, Flávia. Técnicas de poder, disciplinas do olhar: aspectos da construção do “jornalismo moderno” no Brasil. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (Orgs.). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BOUDON, Raymond. **Dicionário crítico de Sociologia**. São Paulo: Ática, 2001.

CAMPOS, Marcelo. **A tragédia de Eloá**: uma sucessão de erros. São Paulo: Landscape, 2008.

CASTELS, Manuel. **A sociedade em rede** - volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Pedagogia como fator determinante:

cobertura midiática, agente catalisador de questões sociais

CASTRO, Manuel Antônio de (Org.). **A arte em questão**: as questões da arte. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 2007.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

LEUCHTENBURG, William E. **O século inacabado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LUBENOW, Jorge Adriano. A categoria da esfera pública em Jürgen Habermas: para uma reconstrução da autocrítica. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, n. 10, p. 103-123, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://filosofianreloanda.pbworks.com/f/A%20categoria%20da%20Esfera%20P%C3%ABlica%20em%20Jurgen%20Habermas.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

MAGUIRE, John; DUNN, Mary Lee. **Chacina na Guiana**. São Paulo: Nova Época, 1978.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias**: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NOBREGA, Clemente. **Em busca da empresa quântica**: analogias entre o mundo da ciência e o mundo dos negócios. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

NÚÑEZ, Antonio. **É melhor contar tudo**: o poder de sedução das histórias no mundo empresarial e pessoal. São Paulo: Nobel, 2009.

LOPES FILHO, Boanerges Balbino; **CAMILOTTO**, Carlos Augusto Gonçalves

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PIMENTA, Solange Maria; SARAIVA, Luiz Alex; CORRÊA, Maria Laetitia. **Terceiro Setor**: dilemas e polêmicas. São Paulo: Saraiva, 2006.

ROSSY, Elizena de Jesus Barbosa. **Mídia e Terceiro Setor**: como as ONGs promovem a cultura da paz. 2006, 221 f. Tese (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, Luiz Martins. **Jornalismo e interesse público**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Técnicas de ensino**: por que não? Campinas: Papyrus, 1996.